

CRISE DE IDENTIDADE: *Desorganização e falta de recursos no Instituto Félix Pacheco*

Sistema de cadastro criminal é um monte de papéis num prédio sem segurança

Impressões digitais de Robertinho de Lucas, preso em 81, sumiram de sua ficha

Renato Homem

• Quem entra no Instituto Félix Pacheco não precisa de nenhuma lupa para perceber a vulnerabilidade do sistema de cadastro criminal. Com papéis espalhados sobre mesas e cadeiras, não existe segurança alguma, permitindo que qualquer um possa extrair ou acrescentar uma informação considerada importante para a manutenção de alguém preso.

Embora ele nunca tenha requerido nenhuma carteira ao instituto, não é de se estranhar que as impressões digitais do traficante José Roberto da Silva Filho, o Robertinho de Lucas, tenham aparecido estampadas na cédula de identidade de um suposto Felipe Marques dos Santos. O IFP não tem como comparar digitais.

O documento em nome de Fe-

lipe Marques dos Santos fora exibido por Márcio Cezário Diogo, preso pela Polícia Civil do Rio em Sergipe como sendo o traficante Robertinho de Lucas.

— Não há como negar. O trabalho aqui é arcaico e sobrevive apenas da obstinação dos funcionários — reconhece o diretor do IFP, Edilson Campos Pinheiro.

Sistema computadorizado reduziria número de erros

Edilson Pinheiro considera que o maior problema enfrentado hoje pelo instituto é a falta de um banco de dados informatizado, que reduziria significativamente a margem de erro dos papiloscopistas.

— Se tivéssemos um sistema computadorizado, nossa margem de erro seria infinitamente inferior — reconheceu, admitindo

ainda ser muito difícil para os técnicos do IFP evitar que o órgão emita uma carteira de identidade em nome de alguém que tenha apresentado uma certidão de nascimento falsa.

Criado na década de 40, o Instituto Félix Pacheco padece de investimentos. A carência vai desde pessoal, passa pelas instalações e desemboca no processo arcaico de pesquisa, no qual milhares de fichas são analisadas uma a uma por uma equipe de 110 papiloscopistas, cujo único instrumento de trabalho é a velha e hoje obsoleta lupa.

O IFP está instalado num antigo prédio, tomado por infiltrações, sem nenhuma segurança. Em alguns locais, a precariedade das instalações elétricas fica evidente, com os fios à mostra.

Os papéis que se amontoam

por todos os cantos são um convite a incêndios — não há extintores e muito menos uma brigada antifogo capaz de agir numa emergência.

Localizado ao lado do complexo penitenciário da Rua Frei Caneca, o instituto sofre ainda com a falta de pessoal. De acordo com Edilson Pinheiro, o déficit de pessoal é de 170 funcionários.

Os centros comunitários de defesa da cidadania são, segundo um funcionário, alguns dos locais onde traficantes tentam tirar identidade com nome falso:

— Eles aparecem em grupos, armados e determinam ao funcionário lotado no centro comunitário que faça a carteira em nome de um menor sem registro pelo IFP. Na hora de botar a foto, o bandido põe a dele. Quem vai dizer quen não? ■